

ANO XIV

Suplemento infantil do jornal

O SÉCULO

N.º 718

Quem conta um conto...

por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

O Canavial que era um grande coscovilheiro, segredou, um dia, à ribeira, que lhe corria aos pés:

«Vizinha ribeira, quero-lhe dizer um caso engraçado! Dona Codorniz, velu-se esconder, aqui no valado! Mas isto é segredo; guarde-o muito bem! Pelo amor de Deus, não diga a ninguém!»

Muito tagarela, a ribeirinha desatou a correr por ali fóra, murmurando confidencialmente aos seixos:

«Que caso engraçado! Comadre Coelho velu-se esconder, aqui no valado!»

Vai nisto, os seixos, tiltando uns nos outros, murmuraram às ervinhas:

«Que caso engraçado! A Dona Lebrisca, velu-se esconder aqui no valado!»

As ervinhas, todas bisbilhoteiras, foram logo dizer ao ouvido das formigas:

«Que caso engraçado! A cabra cabrés, velu-se esconder aqui no valado!»

As formigas, num rufo, correram a contar às papoulas:

«Que caso engraçado! Senhor Javali, velu-se esconder aqui no valado!»

As papoulas fica-



ram ainda mais vermelhas com tal notícia, e meteram logo no bico das andorinhas:

«Que caso engraçado! O horrendo lobo, velu-se esconder, aqui no valado!»

As lavadeiras, muito assarapantadas, contaram logo aos maridos:

«Que caso engraçado! O nojento urso, velu-se esconder aqui no valado!»

Os homens abriram a boca, de espanto, e foram passando uns aos outros:

«Que caso engraçado! O enorme elefante, velu-se esconder, aqui no valado!»

E o regedor ficou com os cabelos em pé, quando lhe chegou aos ouvidos:

«Que caso engraçado! O soberbo leão





veiu-se esconder aqui no valado!

Então, o povo, apavorado, resolveu juntar todas as espingardas, foices, machados, varapaus e, numa batida gigantesca, foi ver se conseguia dar cabo da temível fera.

O sr. prior rezou preces na igreja para que eles não perdessem as vidas em tão arriscada empresa; as mulheres, em alta grita, já choravam os seus, que a tanto os expunham mas, eles, intrépidos e valorosos, puseram-se a caminho, galgando sebes e pedregulhos, no entusiasmo de guerreiros que dão a vida pelo bem do seu torrão.

Mal chegaram à ribeira, o Manuel da Arruda, que era de todos o mais timorato, ouviu distintamente um grande ronco de fera, e tanto bastou para que todos desatasssem aos tiros, espesinhando searas e hortas, numa fúria de precipitação muito justa e louvável.

Assim passaram toda a manhã, dia e tarde, e, ao vir a noite, só tinham achado a triste codorniz que ali viera dar e que fora causa inocente de tanto dano a balbúrdia.

Entretantes, o vento, que assistira ao caso extraordinário, muito excitado, soprou, e, batendo nas nuvens, chegou ao céu.

Foi logo dar parte ao Sol da bisbilho.

tice do abelhudo Canavial e da tagarellice da ribeira que tinham sido culpados de tanta aflição no povo e de tanto estrago nos campos!

Ao ouvir tal, o Sol, furibundo, jurou castigá-los.

Numa ardência inaudita, dardejou os seus raios, sobre a água da ribeira, e foi-a secando de tal maneira que o canavial, à mingua de água, tombou desfalecido, e nunca mais teve ânimo de contar os segredos que lhe confiavam.

F I M

INTERCÂMBIO EPISTOLAR



Natalina Mercedes Marques
19 anos



Ilda de Rezende Fernandes
17 anos



Lourdes da Conceição Galvão
16 anos



Catarina M. Martins A. Rosario Romão
15 anos



Maria Ondina S. Fernandes Braga



Lucília de Oliveira Orfão
13 anos



Josefa Leite Moutinho
20 anos



Ana Marques Salgueiral
17 anos



Maria José Dias
16 anos



Marieta de Jesus Pires
15 anos



Maria Ivone Fergelra
14 anos



Júlia da Conceição Barroso de Lagos
13 anos

Publicamos hoje nova série de retratos de inscritas na nossa secção de intercâmbio epistolar, correspondendo a cada uma das nossas leitoras, que figuram no alinhado superior, respectivamente, a amiguinha que lhe fica na mesma verticalidade.

A ARANHA e a BARATA

FABULA DE FELIZ VENTURA

NAQUELA tarde calmosa,
uma aranha manca e feia,
remirava-se, vaidosa,
na sua obra: — na teia,

dizendo para consigo:
— «E' para que tudo veja!
Até o Sol, do seu brilho,
há-de ter bastante inveja».

A teia,
— isso é verdade —
ninguém diria ser feia.
Feita naquele tronquinho
do pessegueiro mais velho,
luzia como um espelho.

Mas, uma certa Barata,
que morava junto ao muro,
num buraco pequenino,
muito abrigado e seguro,
ao ver vaidade tamanha,
exclamou assim à Aranha:

— «Minha amiga, não contesto
que a casa seja bonita.
Mas, a-pesar de catita,
em segurança e no resto
acho que foi muito ousada;
pois uma casa tão alta

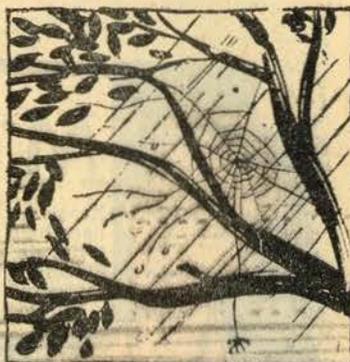
não vos serve para nada.
Se a fizesseis mais baixinha,
por exemplo, junto à minha,
estava mais abrigada.»

Então, a Aranha, troçando,
respondeu à gargalhada:
— «Junto à vossa? Que desplante!
Vê-se bem que é ignorante.
Eu morar num sítio escuro
como é êsse velho muro?!

Se eu também pensasse assim,
logo aqui, dentro da horta,
todos à uma, em risota,
fariam troça de mim.

Não senhora. Eu fui fadada
para ter alta morada!
Antes quisera morrer
do que viver
num lugar,
assim, sem luz e sem ar,
onde nunca a minha casa
pudesse ser admirada.»

E a Barata, prontamente,
respondeu sem hesitar:
— «Minha amiga, com franqueza,
não vale a pena zangar.



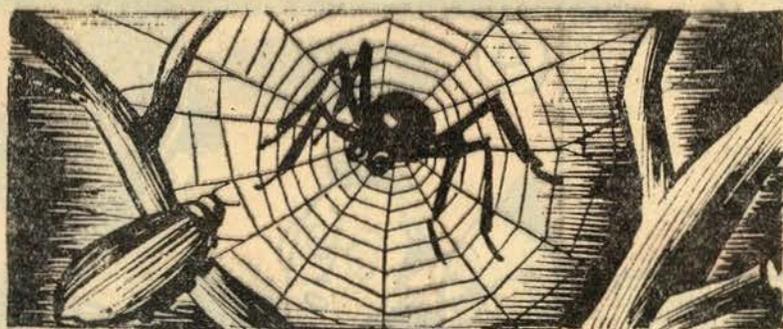
Eu gosto da minha casa,
acho bonito o lugar.
A amiga não pensa assim...
Isto foi simples falar!

Passou-se bastante tempo
sem haver mais novidade.
Até que, um dia, o Graniso
um Senhor de certa idade
mas com bem pouco juízo,
que lhe havia de lembrar?
Vir a Terra visitar.

Resultado: — a pobre teia,
que era o orgulho da Aranha,
ficou tôda espedaçada.
Logo esta, com tal desastre,
vendo a casa destruída,
deu cambalhota tamanha
que lhe pôs em risco a vida.

Afinal quem lhe valeu
foi a Barata, a vizinha,
que em sua casa a acolheu,
dando-lhe o melhor que tinha.

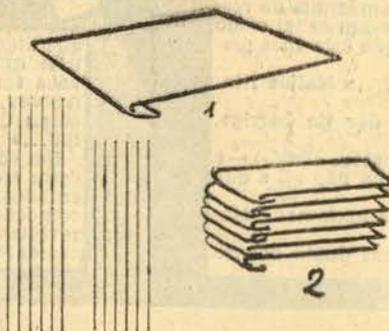
*O mundo é cheio de enganos,
não deveis isto esquecer.
O que às vezes desprezamos
pode-nos vir a valer.*



U M A L B U M

Recortam-se, do mesmo tamanho, 20,
30 folhas ou as que se quiser, e do-
bra-se em tôdas 2 centímetros de pa-
pel. Em seguida colam-se essas tiras
umas às outras (2) com paciência, e,
depois de secas, forram-se, as de cima
e as de baixo, com um bonito papel de
parede.

E mais nada.



A C R Ó S T I C O

Solução do número anterior:

Jacinto	Dália
tUlipa	lilás
Lilás	Nardo
violeta	violeta
rOsa	lilz

AS GRANDES AVENTURAS do AERONAUTA MATIAS e do PILÔTO «PATÓ».



MATIAS e «Pató» tinham a mania da aviação. Matias herdara de seu pai, que fora toda a sua vida bacalhoeiro, uma importante fortuna. Resolveu, um belo dia, converter os bacalhaus da loja num grande avião, a fim de percorrer todas as camadas atmosféricas que envolvem o planeta terrestre.

Todo o activo e passivo do armazem



paterno, fora avaliado em setecentos contos. Destinou quatrocentos a compra dum magnífico avião trimotor e depositou os trezentos que restavam num banco, à sua ordem, a fim de garantir a sua manutenção, a do seu piloto, a do aparelho e a de uma cadeirinha, que passaria a ser a sua «mascotte» e que tencionava adquirir em Londres, para onde partiriam depois de haverem conseguido os respectivos «brevets».



Matriculados na Escola Aeronautica, uma bela manhã iniciaram a sua aprendizagem. Ao entrarem, pela primeira vez, na carlinga dum avião de ensino prático, em companhia do respectivo instrutor, estavam de tal modo pálidos e enfiados que este lhes perguntou:

— «Sentem-se mal?...» Matias titubeou:

— «Uma pequena dor de barriga, apenas!...»

— «Duas!» (acrescentou, «Pató») — e um suôzinho frio que não sei a que atribuir.»

— «Dois!» — tornou a exclamar o Matias.

— «Isso são sintomas duma doença



que ataca quasi todos os nossos alunos mas que passa após meia dúzia de vôos sobre os hospitais de Lisboa» — (volveu, sorrindo, o instrutor da Escola.) Queiram subir para este aparelho...»

Um convite para se sentarem na cadeira eléctrica, a fim de serem electrocutados, não lhes causaria uma maior comoção. Todavia, fazendo das tripas revôlta coração, obedeceram, submissamente, à ordem do instrutor.



5
Dez minutos depois, os suóres frios começaram a aquecer pouco a pouco, e, decorrida meia hora, os nossos heróis sorriam, satisfeitos, admirando, a mil metros de altura, os edifícios de Lisboa, que pareciam brinquedos de cartão.

Matias e «Pató», que haviam já conseguido os respectivos «brevets», foram a Londres, onde, numa das principais fábricas de aviação, adquiriram um estupendo aparelho.

Já a caminho de Portugal, ponto de partida para os sensacionais «raíds» que Matias e Pató projectam realizar,

6
ei-los, radiantes, devidamente apêtrechados com seus grandes capacetes e óculos.

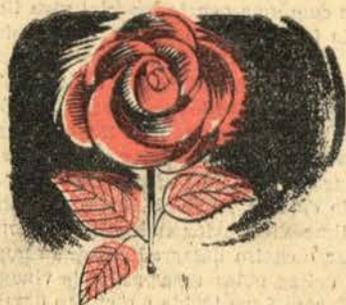
«Mascotte», a cadelinha de raça inglesa, que acompanha sempre, em terra ou no ar, os arrojados aeronautas, ergue o focinho esperto, farejando o espaço, como se interrogasse os donos acêrca das condições meteorológicas da viagem.

7
Após três horas de vôo, os nossos heróis aterram, sem o menor incidente, no campo de aviação de Alverca. «Mascotte», ainda pouco habituada às sensações do espaço, dá cambalhotas, de contente, ao contacto das suas minúsculas patinhas em terra firme.

A BONINA E A ROSA

por LAURA CHAVES

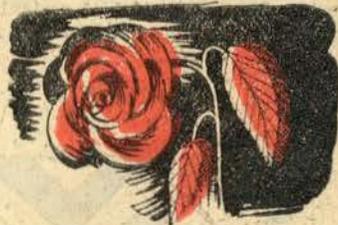
NAQUELA roseira velha
floriu, nessa primavera,
uma rosa tão vermelha
como nunca ali nascera.
Um perfume penetrante
das suas fôlhas saía
e era tão enebriante
que a roseira rescendia.
Tal beleza a rosa tinha
rodeada de folhagem



que lembrava uma rainha
no meio da vassalagem.

Ora, uma pobre bonina,
vendo a rosa no apogeu,
ao ver-se assim pequenina,
sentiu-se feia... e sofreu.
Pois se a outra tinha tudo!
era linda, era cheirosa,
tôda feita de veludo...
E teve inveja da rosa.
Sobretudo o seu perfume
é que a fazia endoidar
e foi tão grande o ciúme
que esteve quási a murchar.
Se outra flôr lhe preguntava
porque estava assim aflita,
ela, baixo, murmurava:
— «Invejo-a porque é bonita.»

Veio a chuva, certa noite,
que as plantas tôdas vergou.
A água foi como o açoite
que, sem dó, as fustigou.



E vejam bem o contraste,
— a Beleza é passageira
da rosa apenas a haste
existia na roseira.
E ao vê-la assim desfolhada,
morta, sem viço, no chão,
a bonina, envergonhada,
fêz acto de contrição.

Repara, invejoso, e olha
que a beleza não se inveja,
pois tôda a flôr se desfolha
por mais bonita que seja.

SECÇÃO de BORDADOS, PINTURA e ARTE APLICADA

Por ARLETE LOPES NAVARRO

UMA CAIXA DE COSTURA E PREGADEIRA

Com uma folha de cartolina de fantasia, podereis fazer uma pregadeira e uma caixinha de costura. A fig. n.º 2 representa uma pregadeira que colocareis na parte debaixo da tampa da caixinha.

Com os pedacinhos de feltro de algum chapéu ou cinto já usado, cortareis

furos, dando neles uma laçada com uma fita da cor do feltro, com que guar-

conforme indicam as gravuras. Na fig. 1, na parte superior, cose-se ou introduz-se na boca da pregadeira a almofadinha, Fig. 2, onde podereis esperar alfinetes, agulhas, etc. A cartolina pode ser forrada a seda, veludo, ou substituída por feltro, ou folhas de nacarite.



Fig. 2

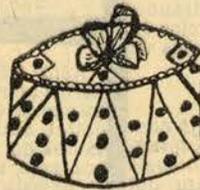


Fig. 3

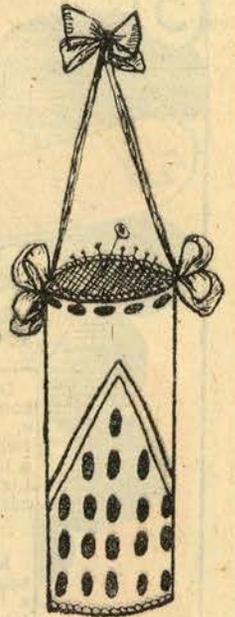


Fig. 1

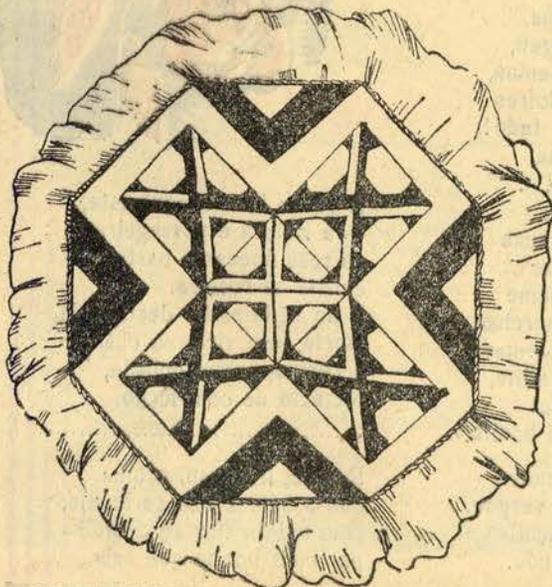
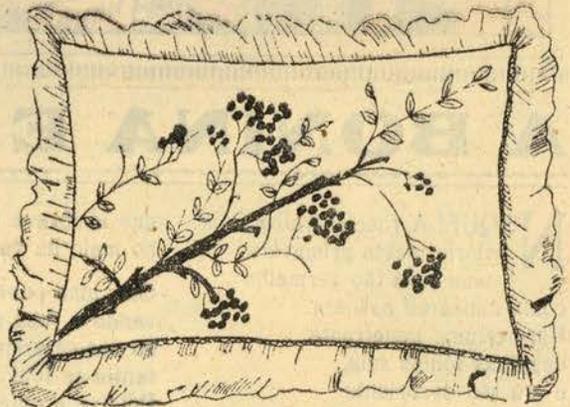
umas rodélas, ovais ou losangos, colando-os na cartolina como indicam os desenhos. Na tampa da fig. 3, fareis dois

necereis os trabalhos. Em estando pronto, fareis uns riscos com purpurina dourada, diluída em verniz «Martin»,

DUAS ALMOFADAS

Gentis amiguinhas do «Pim-Pam-Pum»: Os desenhos que vêdes nesta página, representam duas almofadas trabalhadas a Pó de lã e Pó de seda. A primeira é feita da seguinte forma:

Depois de se fixar a seda com «punaises», passa-se o desenho com papel químico. O tronco é feito com a massa do «Velouty», isto é, amassando um pouco de tinta plástica castanha e um pouco de mordente «Velouty». Ainda molhado, cobre-se com pó de lã, castanho. As folhas só se fazem no dia seguinte, depois de se ter sacudido o excesso de pó



caído fóra do desenho. São dois os verdes empregados nas folhas.

Em estando completamente seco e sacudido, fazem-se os riscos das folhinhas com uma caneta especial para tinta da china. As flores são feitas da mesma forma que todo o trabalho, empregando para elas o pó de lã, amarelo.

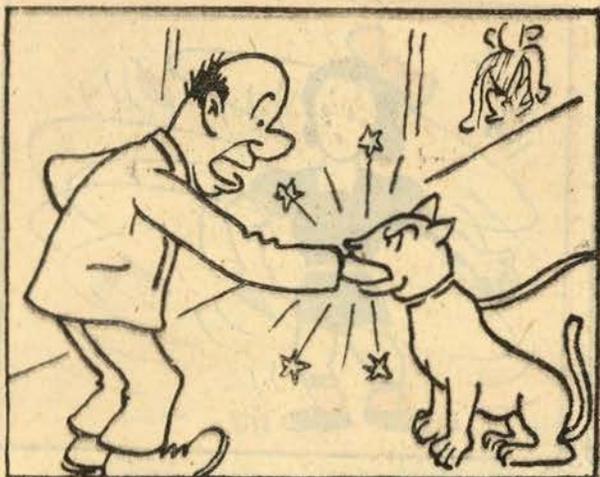
A almofada n.º 2, é feita do mesmo modo que a n.º 1, empregando o pó de seda. O preto do desenho é feito a pó de seda azul e o branco a pó de seda amarelo. É conveniente em todas as tintas que se fizerem para estes trabalhos, empregar sempre um pouco de tinta plástica branca. Os pinçéis e as mãos, quando sujas e tendo dificuldade em tirar as manchas da tinta, limpam-se, esfregando com um pouco de agua-raz. Para tirar o cheiro desagradável que sempre fica nas mãos, basta deitar nelas umas gotas de vinagre. Lavam-se mais uma vez com água tépida e o cheiro desaparece por completo.

O SÁBIO PANTALEÃO NO MUSEU DE ZOOLOGIA

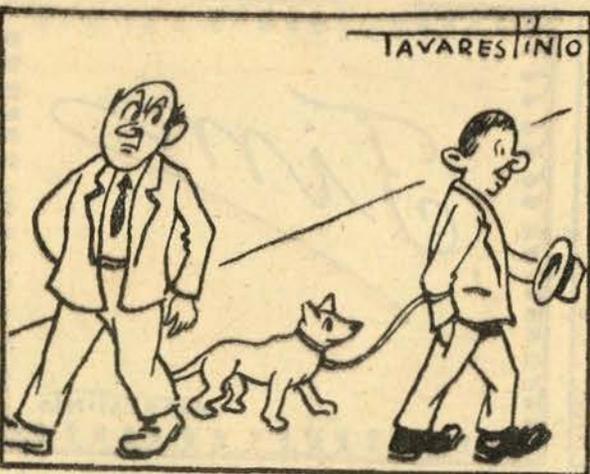
ENGENHOCAS



Sim, senhor! Este cachorro está bem embalsamado!



Ai, ó da Guarda!... Ai, que eu môrrol...



Estava vivo, o malvado!...



JOGO TIPOGRÁFICO

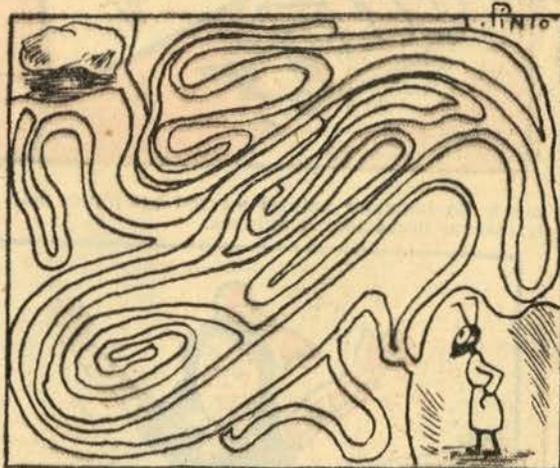
Dividam uma fôlha grande de cartolina branca, em 104 quadradinhos. Em cada série de 10 quadradinhos, escrevam, isoladamente, as cinco vogais: — A E I O U. Em cada série de três, escrevam as consoantes todas do alfabeto.

Distribuem o baralho entre 4 jogadores, de forma a que cada um fique com 26 cartões. O que com segur, formar com eles, sobre a mesa, maior número de substantivos ganha o jôgo.

CORTAR

Arranjem uma porção de figuras, do mesmo tamanho e com trajas diferentes, e cortem-as todas pela cintura. Com êsses bocados, podem formar-se, trocando-os, uma porção de bonecos exóticos, que provocarão o riso ao mais sísudo.

LABIRINTO



Esta pobre formiga sabe que, em determinado sitio, existe um bocadinho de pão, que lhe faria muito arranjo no seu celeiro.

Mas o caminho para lá chegar, tem muitas travessas e ela tem mêdo de se perder.

Serão os leitores tão bondosos que lho ensinem?

ANEDOTA

— «O' vizinho!... O' vizinho!... Chame o seu cão que leva uma das minhas galinhas!...»

— «Ora! E porque não chama antes a senhora a sua galinha?»

AVENTURAS FANTÁSTICAS da MILÚ

(Continuado do número anterior)



No seu voo, a Milú foi cair em cima de qualquer coisa macia, onde se não demorou, pois uma mão colossal agarrou-a e... baixou-a de nível.



Milagre! Tinha caído no chapéu do bruxo que a reduziu de tamanho.

A Milú, então, a chorar, pediu-lhe que a puzesse nóya-



mente do tamanho natural e jurou que nunca mais maltrataria as flores nem os animais.



Enfim, seria, para o futuro, uma perfeita menina. O mágico, convencido, assoprou-a, então, como da primeira



vez, mas ao contrário, e Milú, a cada volta que dava, crescia um pouco, até que se tornou do tamanho normal.



Calcule-se a sua alegria. Iria, imediatamente, sossegar seus pais que deviam estar bastante aflitos.